

A PRESENÇA FEMININA NAS ARQUIBANCADAS DE FUTEBOL DESCRITAS PELA IMPRENSA CEARENSE (1920-1938)

Jobedir Holanda Ravette

<https://orcid.org/0009-0007-8087-4283>

Graduada em Geografia pelo Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará – campus Quixadá
jobedir.holanda.ravette08@aluno.ifce.edu.br

Recibido 10/08/24. Aceptado 20/11/24

Resumo	O artigo analisa a presença feminina nos eventos futebolísticos narrados nas páginas dos periódicos cearenses (1920-1938). Foram analisados os jornais A Razão (1929-1938), A Lucta (1914-1924) e A Ordem (1916-1933) durante o período de 1920 a 1938. Para a análise e embasamento teórico, utilizamos como ótica interpretativa autores como Rose (1993), Silva (2009; 2011), Bonfim (2019), Goellner (2005; 2021), Knijnik (2012) e Mascarenhas (2005), que trabalham com a temática do futebol e questões de gênero que permeiam esses espaços esportivos. Trata-se de um trabalho de caráter descritivo e documental, na qual os jornais são utilizados como fontes históricas, reconhecendo a imprensa não apenas como meio de disseminação de informações, mas como agente importante na construção de discursos sociais. A partir do estudo crítico dessas publicações, é possível compreender as complexas narrativas presentes nas representações das mulheres como público ativo nas arquibancadas, divulgadas pela imprensa cearense. Palavras-chave: <i>Torcedoras. Imprensa cearense. Mulheres. Arquibancadas.</i>
---------------	--

Resumen	LA PRESENCIA FEMENINA EN LAS GRADAS DE FÚTBOL DESCRITA POR LA PRENSA CEARENSE (1920-1938) El artículo analiza la presencia de mujeres en eventos futbolísticos reportados en las páginas de los periódicos ↩
----------------	---

	de Ceará entre 1920 y 1938. Se examinaron los periódicos A Razão (1929-1938), A Lucta (1914-1924) y A Ordem (1916-1933) durante este período. Para el análisis teórico, se utilizaron autores como Rose (1993), Silva (2009; 2011), Bonfim (2019), Goellner (2005; 2021), Knijnik (2012) y Mascarenhas (2005), quienes estudian el fútbol y las cuestiones de género dentro de estos espacios deportivos. Se trata de un trabajo descriptivo y documental, en el cual los periódicos se emplean como fuentes históricas, reconociendo a la prensa no solo como un medio de difusión de información, sino también como un agente importante en la construcción de discursos sociales. A través de un estudio crítico de estas publicaciones, es posible comprender las narrativas complejas presentes en la representación de las mujeres como espectadoras activas en las gradas, tal como se retrata en la prensa de Ceará. Palabras clave: <i>Hinchas Femeninas. Prensa de Ceará. Mujeres. Gradass.</i>
--	--

Abstract	THE FEMALE PRESENCE IN THE SOCCER STANDS DESCRIBED BY THE CEARÁ PRESS (1920-1938) The article analyzes the presence of women in football events reported in the pages of Ceará newspapers from 1920 to 1938. The newspapers A Razão (1929-1938), A Lucta (1914-1924), and A Ordem (1916-1933) were examined during this period. For the theoretical analysis, authors such as Rose (1993), Silva (2009; 2011), Bonfim (2019), Goellner (2005; 2021), Knijnik (2012) and Mascarenhas (2005), who study football and gender issues within these sports spaces, were used as interpretative lenses. This is a descriptive and documentary work, where the newspapers are employed as historical sources, recognizing the press not only as a means of disseminating information but also as an important agent in constructing social discourses. Through a critical study of these publications, it is possible to understand the complex narratives present in the representation of women as active spectators in the stands, as portrayed by the Ceará press. Keywords: <i>Soccer fans. Ceará press. Women. Stands..</i>
-----------------	--

1. Introdução

O presente trabalho é resultado da pesquisa realizada no âmbito do grupo de estudos Geografia, Futebol e Várzea, vinculado ao Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECGEO)¹, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, sediado na cidade de

¹ Sob a Coordenação dos professores Dr. Emilio Tarlis Mendes Pontes e Dr. Eduardo Lucio Guilherme Amaral, ambos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – campus Quixadá

Quixadá - CE. O artigo analisa como os jornais noticiavam a presença feminina nas arquibancadas de futebol, detalhes que foram descritos nos meios jornalísticos do Ceará entre os períodos de 1920 e 1938. O recorte temporal escolhido levou em consideração que se tratava de uma época em que as mulheres foram conquistando protagonismo ao ocupar tais espaços.

Nas últimas décadas, a Ciência Geográfica tem se dedicado ao estudo dos esportes, observando e pesquisando, entre outras coisas, os signos deixados na paisagem social (Augustin, 2007). No entanto, nas declarações das pesquisadoras Lindo e Pereira (2023), há um certo conhecimento sobre a mulher no espaço esportivo, em especial no futebol elaborado por homens e suas masculinidades, carregado de uma percepção que é permissiva com o lugar designado ao “outro”, assim dizendo, às mulheres.

Perante o exposto, os estudos voltados para as dinâmicas de gênero são basilares para as correntes das Geografias Feministas, uma vez que nos permitem o entendimento e uma análise crítica dos discursos que produzem as representações de homens e mulheres no corpo social, procurando romper com a naturalização das atribuições sociais e das desigualdades impostas (Silva, 2009).

As arquibancadas de futebol, assim como o estádio, não fazem parte apenas de um pujante edifício composto por uma suntuosa semiótica, mas são, de fato, uma combinação de relações sociais que dele se apoderam e a reproduzem (Mascarenhas, 2005). A partir dessa reflexão proposta por Mascarenhas, conseguimos perceber que a arquibancada, representa um dos espaços mais emblemáticos dentro do universo do esporte mais popular do mundo. É nesse ambiente que são construídas grande parte das emoções e reviravoltas que o esporte proporciona. Nos últimos anos, as mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço nesse meio, apesar de que, historicamente, elas sempre estiveram presentes ocupando as paisagens dos estádios (Moraes, 2017).

Os jornais impressos, como *A Razão* (1929-1938), *A Luta* (1914-1924), e *A Ordem* (1916-1933), fornecem uma perspectiva etnográfica sobre a participação e a representação das mulheres torcedoras nas competições de futebol do século passado. Essa presença dinâmica das mulheres em estádios, campos e torneios de futebol remonta a diferentes períodos históricos e realidades culturais (Bonfim, 2019). Esses relatos mostram que, apesar de estarem presentes nas arquibancadas e torcendo para seus respectivos clubes, as mulheres eram valorizadas sobretudo por

sua aparência e elegância, mais do que pelo seu interesse ou conhecimento sobre a modalidade esportiva.

O contexto histórico em que os periódicos cearenses começaram a divulgar sobre o público feminino nos jogos de futebol ocorreu em um período de grandes mudanças, pós-Primeira Guerra Mundial, momento em que partes do país se deslocavam do campo para os recentes centros urbanos devido à incipiente industrialização. Já no cenário desportivo, consolidava-se o *foot-ball*, importado da Inglaterra e introduzido pela burguesia paulistana no final do século XIX. Esse esporte, inicialmente elitizado, mas por ser uma modalidade com pouquíssimas regras e de fácil entendimento, não demorou a ser adotado pelas classes populares, constituindo uma verdadeira identidade nacional. Até o final do século XIX e início do XX, o futebol era praticado por uma elite branca composta apenas por homens (Goellner, 2005). É nessa conjuntura que as mulheres, principalmente da aristocracia cearense, vão se apropriar e ocupar os espaços das arquibancadas.

A partir do resgate histórico dessas informações, foi possível identificar e refletir sobre a cultura das arquibancadas, que também nasce com a ajuda da performance das mulheres, embora sua contribuição tenha sido soterrada e atrelada ao esquecimento pelos historiadores. Tendo em vista a invisibilidade dessa história, ainda que o apagamento tenha dificultado essa tarefa, o presente artigo nos permite trazer à tona a participação feminina, não apenas como torcedoras, mas também como pioneiras na organização das distintas territorialidades existentes dentro dos espaços que elas iam ocupando nos estádios, clubes e bailes festivos oferecidos aos integrantes dos times. O objetivo da pesquisa foi destacar a importância da atuação das mulheres enquanto torcedoras e frequentadoras desses territórios futebolísticos, além de problematizar os discursos presentes nesses jornais. O fato é que elas existiram nos âmbitos do espaço de lazer que lhes era permitido, trazendo evidências de que foram relevantes para o desenvolvimento do futebol cearense.

Ademais, foram utilizadas fontes hemerográficas, seguindo o passo metodológico de mapeamento e na organização dos recortes de jornais que mencionaram o público feminino no contexto esportivo, em particular nos torneios de futebol, detalhados pela imprensa cearense entre os períodos de 1920 e 1938. Foram realizadas revisões bibliográficas para analisar as narrativas disseminadas nos periódicos em circulação e os usos dessas informações nas colunas esportivas publicadas nesses semanários.

Por conseguinte, após a revisão crítica desses documentos, conseguimos conhecer aspectos relacionados às atividades de lazer que essas mulheres compartilhavam, entre particularidades e vivências comuns, mediante a prática da socialização através do futebol, constituindo, assim, identidades dentro dos espaços das arquibancadas. Ao analisar os discursos presentes nos periódicos, percebemos como a sociedade da época vivenciava o esporte e como as mulheres eram parte ativa desse espetáculo esportivo, ditando o ritmo do jogo, entoando cânticos e na performance que faziam na arte de contemplar o futebol.

2. Os periódicos cearenses entre 1920-1938

Os jornais do Ceará se consolidaram como uma das mais importantes tradições jornalísticas do Brasil, principalmente pela sua influência local e pela sua atuação na formação de opiniões. Segundo Sipriano, “no que diz respeito aos aspectos gráficos e à distribuição das matérias, os jornais cearenses, nas décadas de 1920 e 1930, não tinham ainda um trabalho de diagramação propriamente dito, nem a divisão por editoriais ou seções” (Sipriano, 2016, p. 6). Além disso, diferentes assuntos eram comumente apresentados lado a lado em uma mesma página, como o noticiário internacional, acompanhado por um incipiente colonismo social e uma diversidade de anúncios. Essa disposição evidencia a estrutura editorial da época, que mesclava informações de relevância global com temáticas locais e comerciais, visando abranger os variados interesses dos leitores.

O alcance dos periódicos era extenso, apesar das disparidades sociais presentes naquele período, resultantes das más condições políticas, falta de infraestrutura, baixa qualidade de vida e da alta concentração de renda entre os mais favorecidos. O analfabetismo também era marcante. Estávamos passando por uma transição com a formação das primeiras cidades e a urbanização acelerada que invadiu as cidades brasileiras. Assim:

Nas primeiras décadas do século XX, Fortaleza passava por um processo de modernização e urbanização que contrastava com as precárias condições de vida das camadas populares da capital e do interior. Em 1920, o Ceará possuía uma população de cerca de 1 milhão e meio de habitantes e, em 1940, pouco mais de 2 milhões. A capital possuía em torno de 80 mil habitantes, em 1920; número que passou de 180 mil, em 1940 (Sipriano, 2016, p.6).

Nessas circunstâncias, embora prevalecesse os altos índices de analfabetismo, os jornais alcançaram um público significativo, em especial a classe média e a intelectualidade, que conseguiram exercer uma participação importante nos embates políticos do corpo social. As elites locais também se desenvolviam sob uma ótica esportiva, e as mulheres eram um dos pilares dessa dinâmica de esportes e entretenimento.

É nessa conjuntura que os impressos do Ceará, como em muitas outras regiões do país, atuaram na promoção e documentação de fatos corriqueiros em suas colunas. As pequenas competições regionais, que ocorriam por todo o estado, ganhavam força, com destaque para os torneios de futebol, amplamente difundidos e que se tornaram uma das atividades de lazer mais populares entre as diferentes classes que compunham a sociedade da época.

Em vista disso, *A Razão* (1929-1938), *A Lucta* (1914-1924) e *A Ordem* (1916-1933), em suas respectivas folhas impressas, nas quais havia uma seção popular, começaram a noticiar os resultados das partidas de futebol, que geravam entretenimento para a elite. O que também ganhava destaque nesses enunciados era a presença dos torcedores. Nessa circunstância, a participação feminina nas arquibancadas também ganhava evidência, ainda que, eventualmente, fosse sempre narrada por homens.

As mulheres começaram a se apropriar dos espaços das arquibancadas muito antes do advento do futebol, conforme exposto por Moraes (2017). Na obra “*A Torcida Brasileira*”, é analisado um fato pouco conhecido: já na virada do século XIX para o século XX: as mulheres se faziam presentes nesses ambientes, especialmente como apreciadoras do esporte, com destaque para sua participação nas arquibancadas dos eventos de turfe no Rio de Janeiro. O conceito de um espaço destinado ao público para se acomodar e assistir a eventos esportivos emerge, inicialmente, com o turfe, durante as corridas de cavalos, em que muitas mulheres, pertencentes às elites do país, se apresentavam de maneira elegante e com grande entusiasmo (Hollanda, 2012). A seguir, no Quadro 1, observa-se o número de matérias vinculadas às mulheres torcedoras, publicadas nos semanários do Ceará, evidenciando o crescente interesse e visibilidade da participação feminina nos eventos esportivos ao longo dos anos.

Quadro 1 – As matérias nos impressos cearenses relacionadas às mulheres nos espaços esportivos (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil).

Periódicos	Ocorrências	Data da publicação	Cidade
A Lucta	16	1920	Sobral-CE
A Imprensa	9	1924	Sobral-CE
A Ordem	8	1920	Sobral-CE
A Nota	6	1920	Fortaleza-CE
O Ceará	1	1928	Fortaleza-CE
A Razão	8	1929	Fortaleza-CE

Fonte: autora, 2024.

3. As pioneiras na arte de torcer: as mulheres na imprensa cearense (1920-1938)

Ao pensar essa representação no âmbito da Ciência Geográfica a partir do futebol produzido pela mídia, implica deixar de visualizar o corpo somente como um fator natural e genérico inscrito na paisagem sobre a qual emergem princípios, condutas e performances. Por mais que o corpo possa ser identificado como o primeiro local a atribuir distinções sociais, é nele que reside os princípios de seu perecimento. Portanto, as alegações biológicas que fundamentam o tratamento diferenciado para mulheres e homens no âmbito do esporte devem ser questionadas (Silva, 2009; Goellner, 2005). Nas palavras de Joseli Silva (2011, p. 27):

Nossa existência corpórea, imediatamente após o nascimento, é classificada socialmente por dois marcadores de diferença que geram hierarquias e nos posicionam no mundo: a cor da pele e a forma da genitália. Tais elementos são lidos e interpretados socialmente, de acordo com os valores de cada tempo e espaço. Essa hierarquização social criada pela sociedade foi, durante muito tempo, atribuída à natureza e, portanto, pertencente a uma ordem superior e imutável.

Nessa tessitura, a mídia esportiva vai produzir inúmeros personagens e enredos para o espetáculo e popularização do futebol por meio de suas folhas impressas, e é a partir dessa ótica que as mulheres ganham destaque. A origem da expressão “torcer” foi introduzida ao futebol brasileiro devido à maneira como as moças da aristocracia se portavam durante as festividades desportivas. Foram as mulheres que legitimaram a enunciação simbólica da palavra “torcer”. Como não era bem visto que uma senhorita de bons modos se despenteasse, elas levavam consigo, para as arquibancadas, pequenos lenços ou até mesmo suas luvas, os quais torciam durante as partidas para amenizar a ansiedade. Essa prática fez com que elas ficassem conhecidas como “torcedoras”, e o termo rapidamente se popularizou para se referir a todos aqueles que compareciam regularmente às partidas a fim de estimular seus clubes (Malaia, 2012).

A imprensa esportiva, foi uma grande auxiliadora na reverberação de tipificações ligadas às torcedoras, assim como às mulheres em geral. Ante o exposto, notou-se um grande número de matérias veiculadas ao público de mulheres nas arquibancadas do futebol cearense entre 1920 e 1938, frisando o recorte temporal onde as ocorrências sobre o fenômeno eram pujantes. Esses enunciados eram repletos de comentários que objetificavam o corpo feminino e acompanhado de acepções machistas, o que contribuiu para a propagação de narrativas de que as mulheres estavam naquele espaço apenas para enfeitar o ambiente ou para arranjar um pretendente.

Além disso, o jornal A Ordem foi um veículo de imprensa fundado na cidade de Sobral-CE, que circulou no Ceará entre os períodos de 1916 e 1933. Esse periódico exerceu uma função significativa no embate político e informativo da região durante uma época de grandes mudanças sociais. O enunciado na Figura 1, é destacado o resultado de um concurso feito pelo periódico, no qual, por meio de votação, elegiam o clube de futebol mais popular da sociedade sobralense, e a torcedora mais bela também ganhava respaldo e tinha sua imagem divulgada no impresso. Isso demonstra o papel da imprensa como moldadora de discursos sociais, especialmente sobre as mulheres. Com isso, a subjetivação que visualiza na mulher a ideia de uma identidade que ela mesma atribui como própria é percebida nas relações de poder que o homem impõe na construção do sujeito feminino (Foucault, 2020).

Os assíduos espectadores também eram lembrados nas publicações, especialmente a figura feminina. Foram sendo difundidos imaginários acerca das mulheres que apreciavam o espaço de lazer que o futebol também oferecia. O público feminino na seção de esportes do

referido jornal era retratado como objetos inertes, obedientes e necessários ao contentamento dos homens, o que contribuiu para uma visão distorcida do que seria, de fato, a feminilidade dentro do espaço futebolístico cearense, que apresentava representações sexistas sobre essas mulheres. Os estereótipos femininos, de acordo com Knijnik:

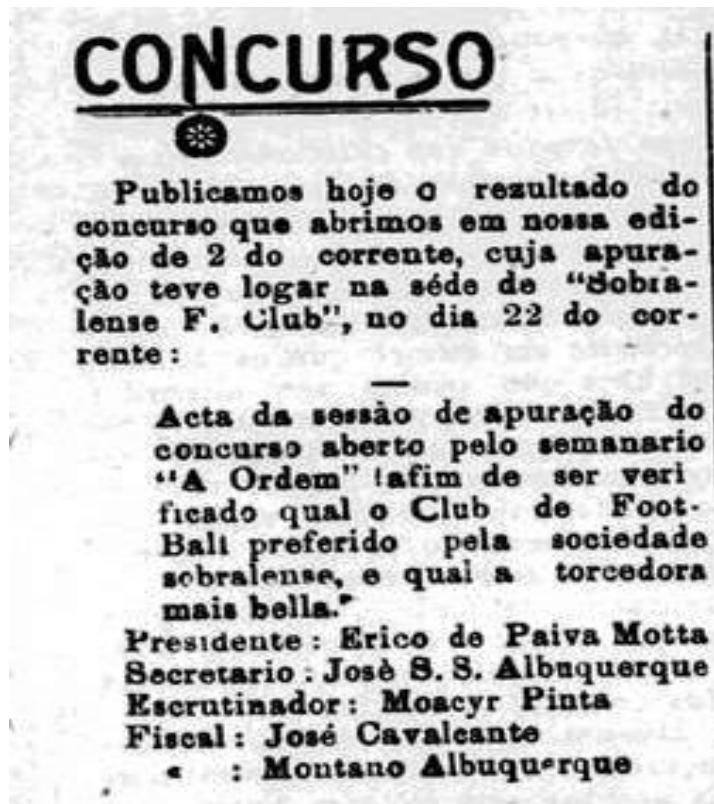
Que traz consigo conotações negativas como fragilidade, meiguice, vaidade e timidez, contém muitos pressupostos sociais, culturais associados aos pressupostos educativos que lhe dão amor, compreensão e uma orientação clara e sensata de valores concernentes às mulheres (Knijnik, 2010, p.64).

Sabemos que o esporte é uma manifestação de várias expressões da vida cotidiana, e por isso ele não está apartado da conjuntura sociopolítica que nos move. O esporte é o que produzimos social e culturalmente, pois somos, enquanto agentes modeladores, o reflexo de ideias e opiniões, que também legitimamos dentro desse espaço. Partindo desse pressuposto, quando nos referimos às mulheres dentro do escopo esportivo, nos deparamos com o seguinte imaginário: o ideal de feminilidade. Se essas mulheres não contemplarem todos os quesitos impostos pelo público masculino, elas não são consideradas aptas a ocupar esse universo.

Essas narrativas foram, de fato, traçadas e transmitidas por muito tempo. O que nos sugere Gillian Rose (1993), que desvela a importância que o conceito de gênero possui na produção socioespacial dos sujeitos, pois possibilita entender que não são as variações corpóreas entre homens ou mulheres que determinam suas posições em distintos espaços e hierarquias, mas sim a construção simbólica que a sociedade atribui a essas diferenças.

De acordo com as geógrafas Rose e McDowell existe uma multifacetada e intrincada conexão entre gênero os territórios que se entrelaçam com as identidades e os lugares específicos que são permitidos para mulheres e homens. São esses condutores sociais, consolidados também por meio dos jornais impressos, que ajudaram a construir e disseminar os atravessamentos estruturais de gênero, que hoje se regeneram a partir de óticas similares ou iguais.

Figura 1 – Jornal A Ordem, Sobral-CE, 1920.



Fonte: Acervo digital, Hemeroteca digital brasileira.

No enunciado da Figura 2, é mostrado que, apesar de as mulheres serem destaques nos noticiários, elas enfrentavam preconceitos implícitos ao participar desses ambientes, e os homens decidiam como seriam descritas. A reverberação feita pelo jornal *A Razão* tornou-se uma das fontes mais ativas de discursos depreciativos sobre essas mulheres. Em suas páginas, enfatizava-se a importância do "elemento feminino" na partida entre Mondubim Sport Club e Iracema Esporte Clube, no torneio suburbano realizado na capital cearense. Entretanto, a forma pejorativa como a imagem feminina foi transmitida nesses folhetos nos remete ao futebol, que, por si só, não nasceu machista.

O corpo social, em sua complexidade, inclui o esporte, especificamente o futebol, como uma de suas manifestações culturais, refletindo suas patologias, entre elas a misoginia. A hegemonia masculina

prevalece em todas as esferas do futebol, seja nas arquibancadas, no campo, na cobertura jornalística ou na gestão de clubes e federações. Abordar a mulher como consumidora e participante ativa desse esporte é um desafio imprescindível, especialmente diante do crescente aumento da presença feminina no âmbito esportivo.

Nesse contexto, surgem questionamentos cruciais: o que efetivamente define e distingue as questões de gênero nas arquibancadas? Quais fatores comportamentais diferenciam a conduta de homens e mulheres e caracterizam esse espaço como um ambiente masculinizado? No livro *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir argumenta que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 2014, p.104), sugerindo que as noções de gênero são construções sociais.

Figura 2 – Jornal A Razão, Fortaleza-CE, 1937.



Fonte: Acervo digital, Hemeroteca digital brasileira.

Essa reflexão conduz à compreensão de que as categorias de masculino e feminino são moldadas por relações de poder, que

determinam o que significa ser mulher em diferentes contextos, inclusive no futebol. A visão masculina, historicamente dominante, tende a não reconhecer a mulher como um sujeito pleno, mas sim como um objeto a ser observado e controlado. Essa perspectiva foi, ao longo do tempo, apropriada e reproduzida pelos meios de comunicação, incluindo os jornais, que contribuíram para a perpetuação de narrativas que subalternizam a figura feminina no ambiente esportivo. Assim, compreender a participação das mulheres no futebol requer uma análise crítica dessas construções sociais e midiáticas, que ainda hoje moldam a experiência da mulher nesse espaço.

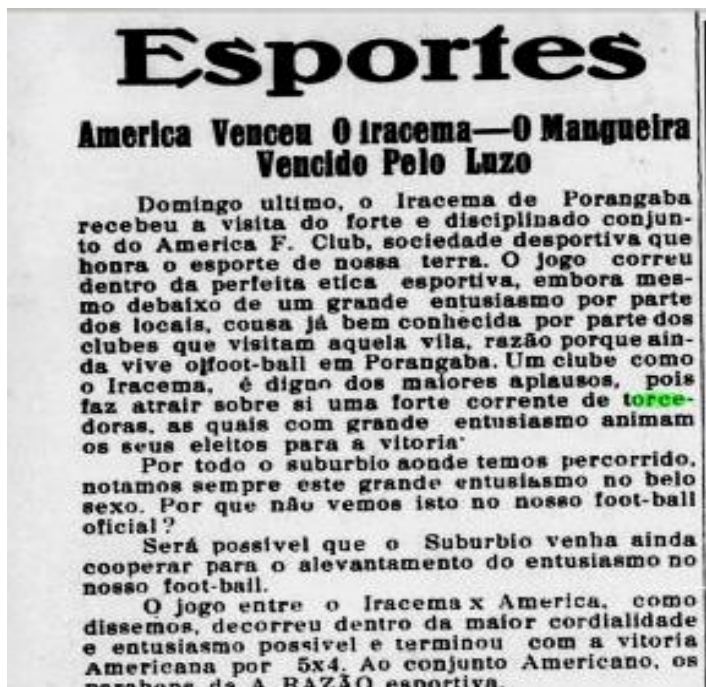
Embora seja destacada a participação feminina nesse lugar, o corpo dessas mulheres, como "elemento feminino", serviu principalmente para embelezar o ambiente das arquibancadas. De acordo com a historiadora Ana Maria Colling, "a mulher verá crescer sua identidade em discursos que ela não formulou, caminhará com a palavra emprestada, como uma estrangeira" (Colling, 2014, p. 15). Dessa forma, esses comentários foram, e ainda continuam sendo, uma maneira de silenciar a compreensão e a apreciação dessas mulheres pelo desporto. A ideia de que as mulheres não conseguem entender o jogo é antiga e está arraigada em nossa cultura, sendo propagada principalmente pelos meios de comunicação, que enfatizam aspectos superficiais e objetificam as mulheres, colocando essa objetificação à frente de seu conhecimento sobre as regras básicas que regem o futebol. As mulheres se veem em constantes subjugações quando o assunto é o esporte, precisando constantemente legitimar seu conhecimento sobre futebol e provar que realmente entendem a dinâmica esportiva.

O conceito de clube como identidade e instituição futebolística nasce da ideia de lazer, um espaço que proporcionasse divertimento para a classe burguesa. Foi nesse ambiente clubista, com pessoas selecionadas e acesso limitado, que se formaram as primeiras equipes do futebol brasileiro (Damo, 2001). Por meio dessa estrutura, que curiosamente se mostrou bastante excludente, podemos entender como esses eventos privados eram organizados, segundo a perspectiva etnográfica dos impressos cearenses analisados. Os detalhes das festas realizadas após o término das partidas de futebol ganharam protagonismo, principalmente pelo desempenho performático das mulheres, que dançavam, recitavam versos de fidelidade ao time do coração e atuavam nesse cenário festivo.

Na Figura 3, é representado o entusiasmo das mulheres. O periódico *A Razão*, em seu noticiário esportivo, celebra o número de entusiastas e torcedoras presentes nos torneios realizados entre os times Iracema e América, pelo campeonato nos subúrbios da capital cearense. A matéria

destaca a diferença de entusiasmo entre o público feminino nos campeonatos suburbanos e o do "futebol oficial", disputado pela elite. O discurso carrega um simbolismo evidente ao destacar as mulheres como o "belo sexo", ao mesmo tempo que questiona a ausência das mulheres da elite no futebol considerado oficial. É importante reforçar que, no final da década de 1930, as mulheres já estavam sendo forçadas a abandonar os espaços esportivos, em consequência das crescentes teorias sobre a existência de uma "natureza feminina".

Figura 3 – Jornal A Razão, Fortaleza-CE, 1938.



Fonte: Acervo digital, Hemeroteca digital brasileira.

O periódico A Lucta foi uma importante fonte de mídia na cidade de Sobral-CE, com uma linha editorial baseada em princípios liberais e uma forte oposição política. Sua contribuição para a sociedade sobralense foi importante, particularmente no início do século XX. A importância das mulheres no cenário esportivo foi essencial para o desenvolvimento do futebol na cidade, principalmente pelo apoio constante aos atletas e clubes. Como alude a matéria, ao questionar a assustadora ausência de suas excelentíssimas torcedoras nos torneios, isso refletia nos resultados negativos das equipes em campo.

Diante disso, é notório que, apesar dos preceitos liberais, o jornal se mostrava bastante conservador quando se tratava de mulheres, detalhando as opiniões sobre o público feminino em suas colunas esportivas de maneiras diversas e convergentes. A participação feminina nas arquibancadas e nos jogos influenciava a dinâmica socioespacial da cidade. Embora os estádios de futebol tenham se formado, historicamente, como espaços legitimados para homens, que trazem consigo a afirmação de sua virilidade, as mulheres também lutavam por esse território (Bandeira, 2018).

Na publicação referente à Figura 4, feita pelo diário *A Lucta* no ano de 1921, questiona-se com vigor a ausência das mulheres dos “*grounds*” das arquibancadas de futebol para apoiar os times. É importante salientar que o fato de existir um relato histórico sobre esse acontecimento ajuda a desconstruir estereótipos que foram sendo produzidos por muito tempo sobre o lugar da mulher nesse espaço. Elas não apenas participavam, mas eram agentes fulcrais para que o espetáculo dos jogos acontecesse. O que chama atenção é que essas mulheres correspondiam a 50% da arrecadação dos ingressos vendidos, o que é notável para o período. Comparando com os dias atuais, percebemos os movimentos reversos dessa memória, que foi sendo apagada. Sabemos que as mulheres eram grandes consumidoras desses eventos e que geravam renda para os clubes.

O que de fato aconteceu para que essas moças da elite e das classes menos favorecidas “perdessem” o encanto e deixassem de frequentar o estádio? Sabemos que, com as mudanças e ideologias propagadas nas décadas de 1930 e 1940, particularmente por homens, surgiram teorias médicas baseadas no eugenismo e higienismo social para controlar o corpo feminino.

Essas teorias ganharam força nos meios de comunicação da época, com princípios morais de que as mulheres estariam condenadas a um determinismo materno e doméstico. Isso resultou no Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941, que posteriormente impediria as mulheres de ocupar os campos de futebol. Isso ocasionou o interrompimento da contemplação das partidas, mesmo que esse último aspecto fosse implícito, uma vez que prevalecia a ideia de que o futebol era um esporte para o sexo masculino, gerando o abandono forçado da presença feminina nas arquibancadas e nos espaços esportivos. Ainda que na ilegalidade, muitas mulheres continuaram jogando e assistindo aos eventos esportivos (Goellner, 2005; Bonfim, 2019).

Figura 4 – Jornal A Lucta, Sobral-CE, 1921.

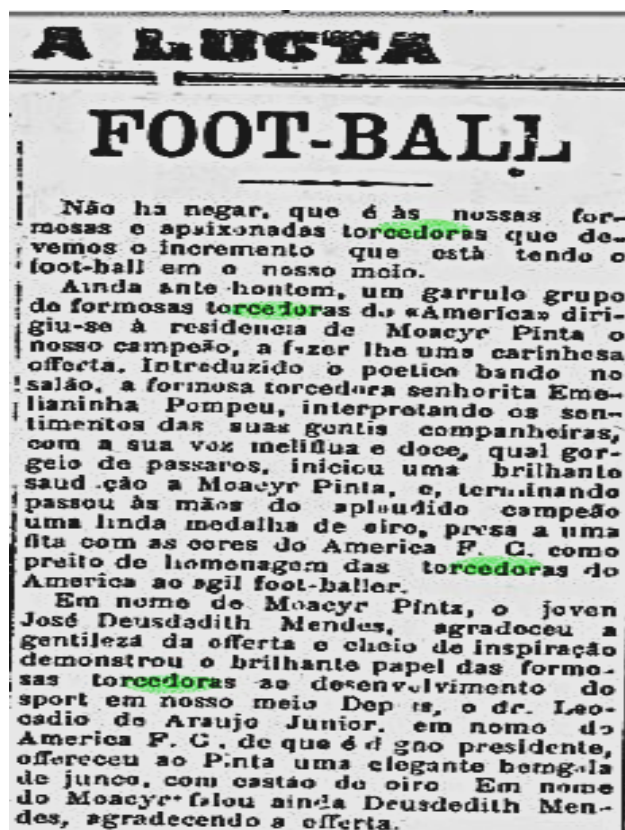


Fonte: Acervo digital, Hemeroteca digital brasileira.

Entre os anos de 1914 e 1924, o jornal *A Lucta* circulava nas ruas da cidade de Sobral-CE, sendo distribuído tanto na cidade quanto em algumas regiões do interior, para aqueles que podiam pagar um valor específico pela publicação. Em todas as edições do periódico, na margem da primeira página, constava uma lista detalhada dos valores exigidos para os assinantes, contabilizados em Mil Réis. Na Gravura 5, especificamente, é abordada a homenagem prestada pelas torcedoras do clube América F.C., que, em um evento no salão de festas, entoaram uma de suas canções em tributo à equipe. Tal registro evidencia a atribuição veemente, conferida às mulheres, pelo desenvolvimento e apoio ao esporte no estado do Ceará. As torcedoras desempenhavam um papel ativo no cenário

esportivo local, contribuindo significativamente para a consolidação do futebol na região.

Figura 5 – Jornal A Lucta, Sobral-CE, 1920.



Fonte: Acervo digital, Hemeroteca digital brasileira.

O trecho em questão destaca a significativa participação das mulheres no futebol no estado do Ceará, especialmente no papel de torcedoras, em contraste com a escassez de registros que as retratem como jogadoras. A partir de notícias extraídas de periódicos locais, disponíveis no acervo da Hemeroteca Nacional, foi possível resgatar informações valiosas que revelam a presença feminina nas arquibancadas, sua frequente utilização de uniformes dos times de sua preferência, além da intensa participação nas práticas de apoio às equipes, tais como o acompanhamento regular dos clubes e a entoação de cânticos de incentivo.

O relato destacado na Figura 6 sugere, inclusive, que essas mulheres possam ter formado uma das primeiras torcidas organizadas documentadas no Brasil. Um exemplo notável é o das torcedoras do extinto S. Christovão F. Club, da cidade de Sobral, Ceará. Esse clube, que participou de diversos torneios regionais, contava com um expressivo número de adeptos, com destaque para as mulheres, que desempenhavam um papel central nas festividades e nos eventos esportivos. As torcedoras, devidamente uniformizadas com as cores da equipe, não apenas assistiam aos jogos, mas também participavam ativamente das celebrações e demonstravam grande fervor ao entoar cânticos em apoio ao time de coração.

Figura 6 – Jornal A Ordem, Sobral-CE, 1925.



Fonte: Acervo digital, Hemeroteca digital brasileira.

Considerações finais

Ao longo dos últimos anos, a percepção sobre a presença feminina nos estádios de futebol tem sofrido alterações significativas. O crescente interesse e envolvimento das mulheres no futebol, tanto como torcedoras quanto como jogadoras e comentaristas, vêm desafiando estereótipos de gênero historicamente arraigados no esporte. Aliás, as redes sociais vêm pautando o debate, principalmente em plataformas dedicadas a esportes, que, em muitas ocasiões, revelam-se espaços permeados por discursos misóginos. Essas manifestações refletem as narrativas históricas que, ao longo do tempo, contribuíram para a marginalização das mulheres no ambiente esportivo.

Ainda que avanços tenham ocorrido, a cobertura midiática sobre o futebol de mulheres e a participação do público feminino nos estádios continuam sendo insuficientes. Em 2023, algumas medidas punitivas foram adotadas por clubes brasileiros, como Sport-PE, Ceará-CE, Coritiba-PR e Athletico-PR, que realizaram partidas com público exclusivamente feminino. A partir dessas punições, emergiu a iniciativa de promover jogos apenas com a presença de mulheres nos estádios. Segundo o portal GE (Globo Esporte), torcedoras celebraram a experiência, relatando que *“tinha até mulher amamentando no estádio, nos sentimos livres”*. Esses eventos permitiram uma rememoração do lugar da mulher torcedora, trazendo de volta uma presença feminina massiva e ativa nas arquibancadas, ainda que inicialmente como resultado de uma medida punitiva.

Entretanto, apesar dos progressos observados, ainda há desafios significativos a serem enfrentados. As mulheres que frequentam os estádios continuam a lidar com problemas como discriminação, assédio e violência, fatores que contribuem tanto para o abandono quanto para a persistência desse público nas arquibancadas. Esses obstáculos têm sido um dos fatores para o afastamento de mulheres dentro dos espaços de lazer que os esportes proporcionam.

Em síntese, a análise de arquivos digitais de publicações impressas revela, de maneira clara, como as mulheres foram sendo representadas ao longo dos anos nas coberturas jornalísticas sobre futebol, especialmente nos periódicos cearenses. Esse resgate histórico e social é necessário para reconhecer as contribuições das mulheres ao esporte e, ao mesmo tempo, continuar a luta por igualdade de gênero em um local que, historicamente, tem sido marcado pela hegemonia masculina. Portanto, compreender e valorizar essa trajetória é crucial para desconstruir a estrutura falocrática que ainda permeia o futebol, promovendo uma transformação genuína nas narrativas esportivas e sociais.

BIBLIOGRAFÍA

- Augustin, J. P. (2007). Sport, géographie et aménagement. Armand Colin.
- Bandeira, G. A., & Seffner, F. (2018). Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. *Mosaico*, 9(14), 284-301.
- Bonfim, A. F. (2019). *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*.
- Cappellano, R. (1999). *O torcedor de futebol e a imprensa especializada*. Juiz de Fora: UFJF.
- Colling, A. M. (2014). *Tempos diferentes, discursos iguais: A construção do corpo feminino na história*. Universidade Federal da Grande Dourados.
- Damo, A. S. (2001). Futebol e estética. *São Paulo em Perspectiva*, 15, 82-91.
- De Beauvoir, S. (2014). *O segundo sexo*. Nova Fronteira.
- Foucault, M. (2020). História da sexualidade: As confissões da carne (Vol. 4). Editora Paz e Terra.
- Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). (2024, 23 de fevereiro). BNDIGITAL I: Coleção Casa dos Contos. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
- Globo Esporte. (2023, 8 de junho). As torcedoras mulheres enchem estádios após punição e revivem origens da arquibancada no Brasil. *Globo Esporte*. <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/sport/noticia/2023/06/08/as-torcedoras-mulheres-enchem-estadios-apos-punicao-e-revivem-origens-da-arquibancada-no-brasil.ghtml>
- Goellner, S. V. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: Entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(2), 143-151.
- Holanda, B. B. de. (2012). A festa competitiva: Formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In B. B. de Holanda (Ed.), *A torcida brasileira* (pp. 7-22). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Knijnik, J. D. (2010). Gênero e esporte: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Lindo, P. V., & Pereira, S. (2023). Geografias feministas e interseccionalidade como metodologias para ler e estar no mundo: Investigando mulheres torcedoras de futebol e o machismo. *Geofronter*.
- Malaia, J. M. C. (2012). Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (Bras.): 1910-1950. In B. B. de Holanda (Ed.), *A torcida brasileira* (pp. 23-40). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Martins, L. T., & Moraes, L. (2007). O futebol feminino e sua inserção na

mídia: A diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*, 10(1), 69-82.

▪ Mascarenhas, G. (2005). A mutante dimensão espacial do futebol: Forma simbólica e identidade. *Espaço e Cultura*, 19-20, 61-70.

▪ McDowell, L. (1999). *Gender, identity and place: Understanding feminist geographies*. University of Minnesota Press.

▪ Moraes, C. F., & Bonfim, A. F. (2017). Mulher no futebol: No campo e nas arquibancadas. In *Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades* (pp. 1-10).

▪ Mourão, L., & Morel, M. (2008). As narrativas sobre o futebol feminino: O discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(2).

▪ Rose, G. (1993). *Feminism & geography: The limits of geographical knowledge*. Polity Press.

▪ Silva, J. M. (2009). Geografias subversivas: Discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Todapalavra.

▪ Silva, J. M., Ornat, M. J., & Chimin Junior, A. B. (2011). Espaço, gênero & masculinidades plurais. Todapalavra Editora.

▪ Sipriano, B. (2016). O jornalismo cearense nas décadas de 1920 e 1930: As relações entre “informativo” e “opinativo”. *Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)*, 4(7).